

Carla Lamara de Sousa Andrade

Karoliny Felipe Martins

7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA
A docência de Ciências Sociais/Sociologia no mundo digital: as metodologias de ensino em Ciências
Sociais na educação básica

Sociologia entre telas: limites e possibilidades do ensino remoto frente à pandemia da covid-19

Belém, Pará

2021

INTRODUÇÃO

Em março de 2020 nos deparamos com um cenário totalmente inédito, em que o novo coronavírus se espalhou rapidamente pelo mundo. Em um contexto de pandemia, as escolas tiveram suas portas fechadas, isolando milhares de crianças e jovens do ambiente escolar. Essa realidade implicou tomadas de decisões, também inéditas, em que o ensino remoto se torna uma realidade e, com isso, inúmeros desafios para toda a comunidade escolar esteve no centro de um ensino que se deparou com as realidades de precarização tecnológica, desigualdades digitais e um despreparo dos professores com relação às ferramentas digitais.

No Paraná, as estratégias para efetivar o ensino remoto nas escolas públicas foi, de todo modo, rápido e teve sua base em aulas pela televisão transmitidas para todo o estado. Do outro lado, as escolas se organizavam com a implantação de um sistema (google classroom) que possibilitasse o contato entre alunos e seus respectivos professores. Em uma dinâmica completamente nova, as dificuldades se tornaram pontos de tensão entre todos que faziam parte da construção e das tentativas de viabilizar o ensino a distância. Dentre as dificuldades, estão a falta de tecnologia e conhecimento do seu uso tanto por parte dos estudantes quanto pelos professores e a efetivação do ensino de qualidade que proporcionasse uma aprendizagem por meio desse novo cenário para ensinar.

As experiências desse momento elevam a aprendizagem entre professores e possibilitam a adaptação e geração de uma comunicação educacional mais efetiva e atualizada em relação ao uso de novas mídias como recursos didáticos na prática docente remota. Entretanto, é importante situar, de maneira sociológica, as condições e contextos sociais que estamos inseridos. Não obstante, refletir sobre a precarização do trabalho e o aprofundamento de medidas neoliberais na educação do país nos aproxima da compreensão da relação entre uma educação para a cidadania e uma educação como mercadoria.

Ricardo Antunes (2000) nos ajuda a compreender a precarização como resultado ineficaz da tentativa de gerenciamento das crises contemporâneas. A configuração atual do mundo do trabalho caracterizado pelo neoliberalismo e a reestruturação produtiva, acarreta, ora na destruição e/ou precarização da força humana de trabalho, ora na

degradação da relação entre natureza e homem. A força de trabalho passa, nesse contexto, a ter seu valor somente como reproduzidor do capital, este que centraliza a lógica social.

Segundo o autor há um quadro de crise estrutural do capital que vem se desenvolvendo a partir da década de 1960 e tem na desmontagem dos direitos sociais dos trabalhadores um dos resultados.

Bauman (2004) acentua a fragilidade das relações na contemporaneidade, mediada pelos meios de comunicação de massa, protagonizando a socialização do homem. A conexão feita a partir de cabos e telas torna-se, muitas vezes, a única maneira que viabiliza o contato com outros pares, o que, segundo Manuel Castells (1999), possibilita uma variedade de comunidades virtuais, pois a tecnologia da informação, difundida com maior expressividade, expandiu pela cultura o espírito libertário e comunitário dos movimentos de contracultura que protagonizaram os anos 1960.

Estas, por sua vez, se organizam em torno das identidades as quais são manifestas de forma paradoxal. Donna Haraway (2009) evidencia que, ao final do século XX, “(...) somos todas quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues.” (HARAWAY, 2009, p. 37). As novas identidades misturam máquina e organismo. Ou seja, a contemporaneidade é marcada não somente por crises, mas, principalmente, por novas configurações das relações sociais as quais são mediadas por máquinas.

A escola segue seu fluxo e, muitas vezes, alheia às transformações sociais profundas como o avanço tecnológico e a maneira como nos apropriamos dos conhecimentos. Em uma entrevista,⁴ Bauman aponta que a escola não é mais detentora total da transmissão do conhecimento, competindo com as tecnologias da informação junto ao fluxo de informações característico da difusão das redes sociais. Suas tentativas rígidas e disciplinadas sofrem frequentes críticas diante dessas pressões de integração com a realidade em constante mudança. O fato é que, a pandemia empurrou as escolas à uma dinâmica nova, em que as mudanças são irreversíveis. As escolas vêm se tornando máquinas e organismos operando em meio aos desafios do processo de aprendizagem. Dentro desse cenário, a escola reforça sua importância no modo presencial e do seu papel socializador nos espaços físicos, mas agora amplia sua atuação e reconhece o seu papel de se adaptar às mudanças, tornando-se mais presente na formação cidadão de crianças e adolescentes.

Justifica-se esta temática devido à emergência de novas configurações de acesso à educação ocasionada pela pandemia da Covid-19 em que, baseada em uma relativa conjuntura de avanço tecnológico, a adaptação a essas novas possibilidades surgiu quase que instantaneamente. Por isso, os esforços desta pesquisa centram-se em refletir sobre os limites e possibilidades do ensino de sociologia em tempos de educação remota, compartilhando experiências com o uso de novas mídias digitais por duas professoras do ensino médio público que apontam caminhos desconexos para o ensino da sociologia. É a partir desse desencontro que se estabelecem grandes desafios para o ensino da sociologia em tempos pandêmicos.

Explorando limites e construindo possibilidades

O ano letivo de 2020 já começou atípico para a classe de trabalhadoras e trabalhadores da educação do Estado do Paraná. Devido a uma prorrogação de edital que visava contratar trabalhadores temporário. Este edital, normalmente, tinha validade de um ano ainda que permitisse uma prorrogação por mais um, o que aconteceu durante os anos de 2019 e 2020. Esta prorrogação aconteceu em meio as discussões sobre mudanças no processo seletivo o qual incluiria uma avaliação, que se tornou uma novidade, visto que, os processos seletivos para a contratação de professores temporários eram até então realizados por meio de prova de títulos e tempo de serviço. No entanto, esta prorrogação foi de forma estratégica, pois a prova aconteceria para a contratação de professores do ano seguinte (2021).

O Processo Seletivo Simplificado (PSS) é um tipo de contrato que visa compor um banco reserva de professoras e professores realizado anualmente no Estado do Paraná. Esse modelo flexibilizado de contratação de professores por parte do estado condiz com, segundo Ricardo Antunes (2000), a *crise estrutural do capital* sendo relações produtivas flexibilizadas e desregulamentadas uma das tendências desta crise. Ainda assim, a prorrogação do edital de 2019-2020 foi admitida pelas professoras e pelos professores como uma vitória da classe já que a mesma se posicionou enfaticamente contrária a realização da prova e também era o que garantia um mínimo de segurança para o ano letivo de 2020.

Em 16 de março de 2020, as escolas são fechadas como uma das medidas sanitárias para conter o avanço da propagação do coronavírus através do Art.8º Decreto

4320/2020¹.As primeiras impressões causadas pela suspensão das aulas foram de surpresa e até um certo alívio por parte da comunidade escolar. As conversas em torno do decreto consentiam no sentido de compreender a suspensão enquanto uma medida sanitária eficaz, ao mesmo tempo em que se questionava o caráter temporário desta medida pois, a princípio, se decretou um início de validação do decreto por tempo indefinido, o que passou a gerar angústia, já que o ano letivo havia apenas começado.

As orientações dadas aos profissionais que estavam atuando em sala de aula eram de que eles deveriam conscientizar as e os estudantes sobre a importância das medidas de higiene. Então, os conteúdos foram substituídos por direcionamentos de como lavar as mãos e tentativas de reorganização das salas a fim de se manter um distanciamento na medida em que os primeiros casos são registrados no Brasil e há uma comoção pública por parte da imprensa na medida em que mortes ocasionadas pela Covid-19 são registradas pelo mundo.

Em um estado de muita tensão e insegurança, toda a comunidade escolar se viu diante de algo inédito e desafiador. Depois de duas semanas de recesso escolar, as aulas são retomadas de forma remota. Nesse momento, nos deparamos com o uso da tecnologia para acompanhar os estudantes de suas casas, ao mesmo tempo que encaramos a realidade da exclusão digital dos nossos alunos e alunas com falta de internet ou computadores e celulares. 2020 se tornou um ano marcado pelo “resgate” dos estudantes com diversas propostas para diminuir a evasão escolar, por exemplo: atividades impressas enviadas para os alunos; momentos de recuperações como “se liga” para alunos remanescentes e o envio constante de mensagens e ligações aos responsáveis. As tentativas para frear a evasão escolar revelam um ano com poucos resultados na aprendizagem dos estudantes das escolas públicas.

Segundo pesquisa do Instituto Datafolha sob encomenda do C6 Bank² a taxa de abandono escolar em 2020 foi de 8,4%. Quando se trata do ensino médio esse número sobe para 10,8% contrapondo a taxa de 4,8%, já considerado alto, do ano anterior (2019). Questões financeiras e dificuldade com acesso remoto configuram entre as motivações do abandono a qual é maior entre as classes D e E. A ausência do MEC no apoio às ações educacionais no contexto vivenciado resultou em uma certa

¹ [Decreto Nº 4230 DE 16/03/2020 - Estadual - Paraná - LegisWeb](#)

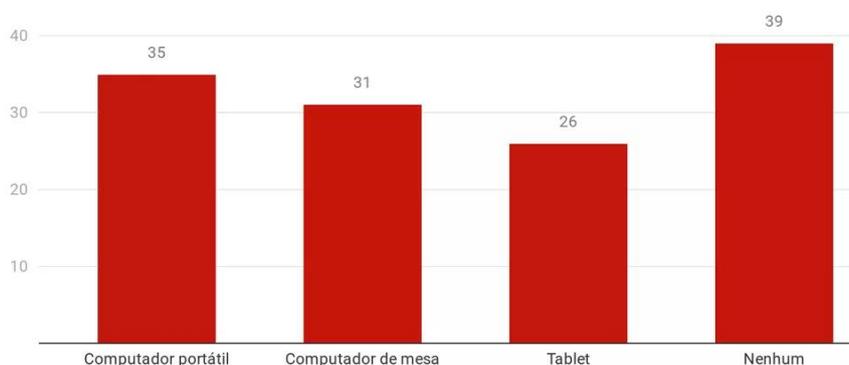
² [Cerca de 4 milhões abandonaram estudos na pandemia, diz pesquisa - 22/01/2021 - Educação - Folha \(uol.com.br\)](#)

autonomia e centralização da responsabilidade pelos governos municipais e estaduais para a reorganização das aulas em modelo remoto.

No Paraná as medidas adotadas pela Secretaria de Educação como tentativa de viabilizar a educação na modalidade remota foram centralizadas em duas alternativas: uma delas foi a adoção de aulas transmitidas por canais de televisão, voltadas especialmente para os estudantes sem acesso a internet, o que corresponde, segundo pesquisa realizada pela TIC Educação³ (2019), a 39% dos estudantes de escolas públicas urbanas sem acesso a computador ou tablet em casa ilustrado pelo infográfico abaixo e que aponta para uma das dificuldades enfrentadas em tempos de aula remota.

Disponibilidade de computador no domicílio, em %

Respostas dadas por alunos de escolas públicas urbanas à pesquisa TIC Educação



Fonte: TIC Educação 2019

Infográfico mostra disponibilidade de computador no domicílio, em porcentagem, segundo a pesquisa TIC Educação. — Foto: Infografia/G1

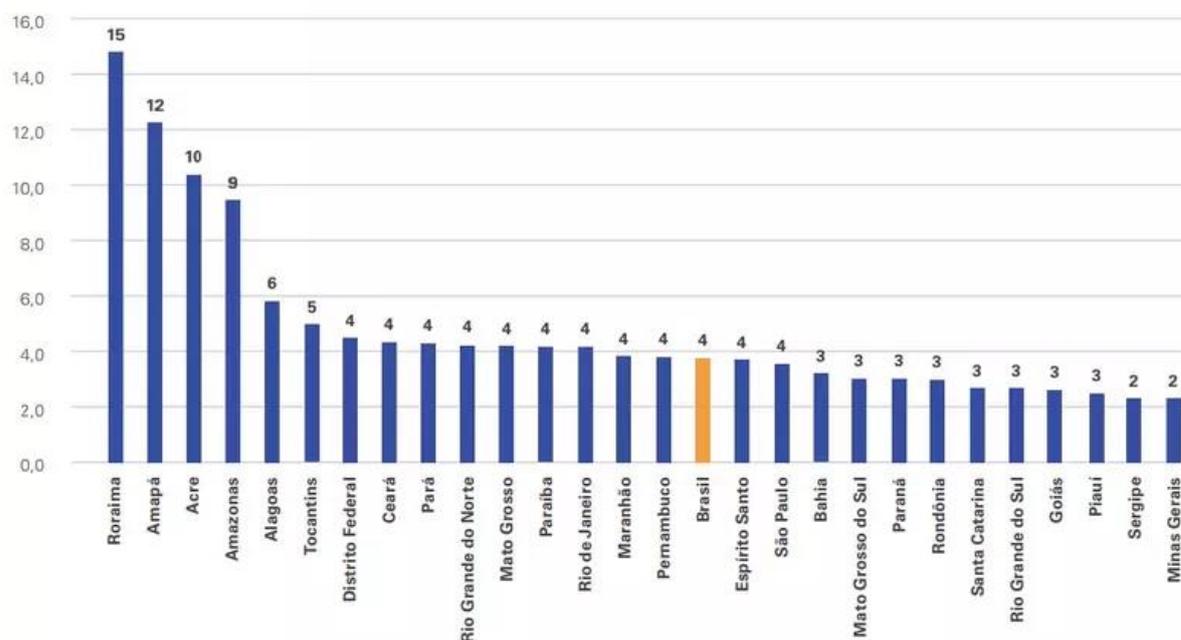
Ainda que a realidade acima fosse colocada como uma das questões aprofundadas pela nova situação ocasionada pelo coronavírus afigurando como um impeditivo das aulas remotas, somada a pressão tomada por parte da sociedade de que as aulas não deveriam parar e utilizando-se de dados estrangeiros, como uma pesquisa do Centro Nacional para Pesquisa e Monitoramento de Imunidade da Austrália⁴ que aponta (agosto de 2020) que o risco de infecção por crianças em ambiente escolar era pequeno, pois as escolas correspondiam apenas a 1% do foco de infecções, o que contribuía para afirmar que as escolas, ao contrário do que se pensava, fossem ambientes seguros, as

³ [Quase 40% dos alunos de escolas públicas não têm computador ou tablet em casa, aponta estudo | Educação | G1 \(globo.com\)](#)

⁴ [Coronavírus na escola: o que diz a ciência sobre os riscos da volta às aulas? - BBC News Brasil](#)

aulas passam a ocorrer em formato remoto, contrariando parte da opinião pública que pressionava, e ainda pressiona, a abertura das escolas. Porém, comparando dados por UF, o Paraná apresenta uma situação mais amena em relação aos Estados do Norte do país como Roraima, Amapá e Acre, conforme gráfico⁵ abaixo:

Gráfico 32. Distribuição das crianças e adolescentes de 6 a 17 anos com Educação Básica incompleta que não frequentam a escola, por UF – out. 2020 (%)



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Pnad Covid-19, 2020.

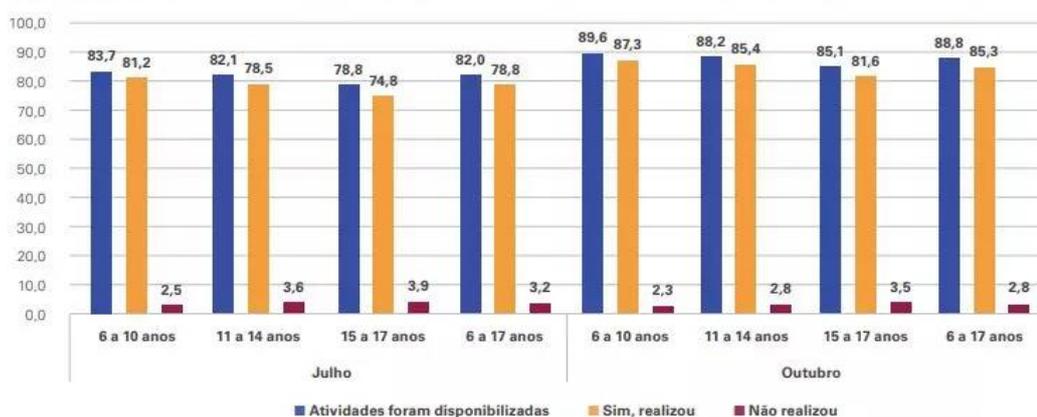
O ano de 2020 também foi marcado pelo projeto “Aula Paraná” que trazia um horário específico para cada ano do ensino fundamental e do médio de acordo com seus respectivos currículos. Paralelamente a isso, como uma segunda alternativa, o professor de cada escola acompanhava os estudantes dentro de outro ambiente digital: google classroom. Esse projeto de levar os conteúdos em formatos EAD para as televisões de todo o estado se tornou uma “pedra preciosa” para os gestores de educação. Uma rotina que consistia em professores gravarem aulas de no máximo 30 minutos e depois serem televisionadas nos canais de TV e internet do próprio estado. Entretanto, ao longo do ano as cobranças em torno do maior acompanhamento dos professores em relação aos seus alunos foram cada vez maiores. E assim, incentivaram os professores a realizarem

⁵ [Pandemia: abandono escolar em estados do Norte é maior do que média nacional \(cnnbrasil.com.br\)](https://cnnbrasil.com.br)

meets (reuniões online por meio do sistema do google *meet*) com o propósito de engajar mais os estudantes em relação a aprendizagem.

Ainda que sujeitas a críticas, as medidas adotadas pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná contrapõem os 11,2%⁶ de estudantes que mesmo estando regularmente matriculados em instituições de ensino, não receberam ou não tiveram acesso a nenhuma atividade escolar durante a pandemia. Novamente, os esforços por parte da Secretaria de Educação do Estado do Paraná, ainda que sujeitos a críticas, contribuíram de certo modo para mitigar uma situação alarmante a qual diz respeito a participação das e dos estudantes em atividades escolares em formato remoto, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 36. Percentuais de disponibilização e realização de atividades escolares – jul./out. 2020



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Pnad Covid-19, 2020.

É nítido que, ao propor, constantemente, que os professores realizassem aulas online com os estudantes, o Estado percebe que é preciso estar próximo e que a aprendizagem passa pela presença e acompanhamento dos professores com cada um dos seus alunos. A sala de aula presencial é feita de afeto, conversas e trocas. Sabemos que a educação básica tem suas peculiaridades e que os agentes mais competentes para as encarar são todos aqueles que fazem parte da comunidade escolar, o chamado: chão da escola. Bell Hooks (2017) nos lembra que o professor é aquele tem como propósito

⁶ [Mais de 5 milhões de crianças brasileiras não tiveram atividades escolares na pandemia - Revista Crescer | Educação | Comportamento \(globo.com\)](https://revista.crescer.org.br/educacao/comportamento/mais-de-5-milhoes-de-criancas-brasileiras-nao-tiveram-atividades-escolares-na-pandemia)

desenvolver “práticas pedagógicas em nossa sociedade e criar novas maneiras de saber, estratégias diferentes para partilhar o conhecimento” (HOOKS, 2017, pg. 15-18).

O olhar atento, a escuta aguçada e a longa experiência desses docentes fazem toda diferença na hora de engajar os estudantes no processo de aprendizagem. Freire escreve em uma poesia aquilo que realmente a escola representa no contexto do ensinar e do aprender:

[...] o lugar que se faz amigos. Não se trata só de prédios, salas, quadros, Programas, horários, conceitos... Escola é sobretudo, gente que trabalha, que estuda que alegra, se conhece, se estima. (A escola é, Paulo Freire)⁷

Além disso, o ato de ensinar se faz dentro de um espaço democrático, de debates e trocas de experiências. Paulo Freire (2003) nos ensina que cada ação didática precisa de uma estrutura fundamentada na participação ativa dos agentes escolares. Portanto, as tentativas de dar mais autonomia para os professores no ensino remoto devido a pandemia foi o caminho de um retorno ao “chão da escola”, agora os protagonistas são professores no ato de ensinar e não mais uma transferência de conteúdo por meio de uma tela unilateral.

No cenário de se propor projetos online e que envolvessem os alunos em torno da escola novamente, as autoras deste artigo, elaboraram um projeto conjunto para os estudantes que pudesse gerar mais aprendizagem e um debate em torno dos temas atuais, tal como as redes sociais.

Este projeto começou por meio de uma conversa entre as autoras deste artigo em momentos de trocas de angústias em torno da docência que estava acontecendo de forma online. Muitas vezes as aulas pelo *meet* tinham poucos alunos, outras nenhum. As dificuldades giravam em torno de como tornar a aula mais atrativa, de como usar a tecnologia a nosso favor e, ao mesmo tempo, gerar um debate oferecendo aos estudantes um ambiente de debate, onde pudessem ter mais autonomia crítica. Foi então que decidimos propor que os estudantes assistissem o filme “Dilemas das redes”, para depois marcamos um dia para uma roda de conversa. Destaca-se aqui a tentativa de afastar a ideia de uma aula tradicional pelo *meet* e frisar que seria uma roda de conversa,

⁷ Poesia de Paulo Freire. Disponível no site: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/08/poesia-escola-paulo-freire-com.html>

onde a voz deviria ser democrática e o debate seria a base para formar o pensamento crítico. Bell Hooks nos ajuda a compreender essa dimensão da voz democrática:

Mas o entusiasmo pelas ideias não é suficiente para criar um processo de aprendizado empolgante. Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros. Qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a presença de todos seja reconhecida. (HOOKS, 2013, p. 17)

Para essa proposta foi utilizada uma ferramenta visual na tentativa de atrair as e os estudantes para o debate. A escolha do documentário se deu devido a popularização do mesmo no momento em que estávamos em sala discutindo os meios de comunicação na perspectiva da Indústria Cultural. Da mesma forma, os diálogos empreendidos entre as docentes motivaram a ampliação aos estudantes em uma das escolas que lhes era comum. Assim, a proposta não somente enfatizou uma tentativa de aproximação daquilo que pudesse ser de interesse das e dos estudantes, as redes sociais, como também foi uma investida em tornar o ambiente escolar remoto enquanto um meio de socialização, já que a proposta foi ofertada a todo o ensino médio o que facilitaria uma possível comunicação entre estudantes de variadas turmas e séries.

Abaixo o *flyer* utilizado como meio de convite para o debate. As cores chamativas foram intencionalmente pensadas e o convite em formato de flyer foi disponibilizado nas turmas pelo *classroom* e no *facebook* da escola.

NÃO VAI PERDER, HEIM!

OS DILEMAS DO MUNDO

RODA DE CONVERSA A PARTIR DO FILME: OS DILEMAS DAS REDES - COLÉGIO SAFEEL

DIA: 30 / OUT
ÀS 10:30
GOOGLE MEET (ENVIAREMOS O LINK)



the social dilemma NETFLIX

- ACESSO À INFORMAÇÃO
- INFLUÊNCIAS POLÍTICAS
- SEGURANÇA DIGITAL
- POR QUE SOMOS USUÁRIOS?
- ENGRENAGEM DAS REDES



PROFE CARLA
SOCIOLOGIA



PROFE KAROL
SOCIOLOGIA

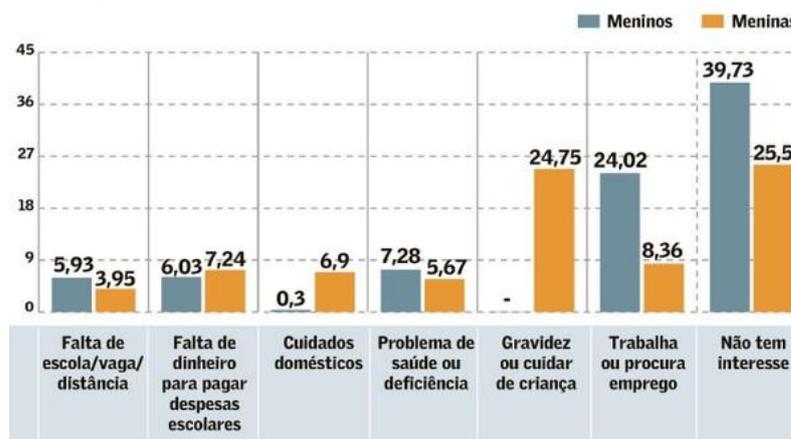


Esse experimento constituiu na primeira prática docente, conforme proposto por Paulo Freire (2019): “(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (p. 24). Levando a proposta a sério, a tentativa de construir meios de produção de conhecimentos passou primeiramente pelo compartilhamento das angústias docentes geradas pelo modelo remoto o qual implicava um engajamento docente engessado nos materiais e práticas propostos, sem muitas alternativas, pela Secretaria de Educação. Intencionando responder a esse engessamento, o qual acabava expandindo-se para a vivência das e dos estudantes, o projeto buscou uma aproximação a partir de um recurso midiático como estratégia de ensino-aprendizagem.

Segundo dados do Pnad Educação (2018⁸) a falta de interesse é um dos principais motivos de abandono e evasão escolar, correspondendo a um terço, conforme gráfico abaixo:

Fora da escola

Por que jovens de de 15 a 17 anos não estudam - em %



Fonte: Pnad Educação 2018 - IBGE. Elaboração: IDados

Considerando o dado acima que, em um contexto tido como “normal”, a falta de interesse é um dos principais motivos de evasão escolar, colocou-se como questão e tentativa de respondê-la: como criar estratégias interativas que façam sentido aos estudantes em tempos de pandemia? Pois, se tratando do ensino de sociologia, a situação crítica vivenciada cotidianamente tem uma de suas expressões no ambiente escolar. Quer dizer, o ambiente escolar não é um espaço alheio às situações sociais, econômicas e políticas (e agora, sanitárias), vividas pelas pessoas. Os e as estudantes, bem como toda a comunidade escolar, está alocada em um mundo que é interativo e dinâmico.

Os desafios estabelecidos pelo ensino remoto acabaram aprofundando questões que já eram sensíveis no contexto escolar. Evasão, desinteresse, precarização do trabalho docente são alguns dos fatores preexistentes que foram aprofundados pela crise sanitária. As investidas por parte das docentes em criar um ambiente de estímulo crítico e que ao mesmo tempo considerasse o contexto caótico em que as e os estudantes não estão isentos foram refletidas a partir dos empreendimentos de Paulo Freire, pois segundo ele “(...) a prática docente tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de

⁸ [Jovens fora da escola são 12%; um terço sai por desinteresse | Brasil | Valor Econômico \(globo.com\)](#)

decência e de pureza.” (p. 34). Decência no sentido de que essa investida fez parte de uma proposição de um ensino de qualidade visando não apenas a assimilação de conteúdos a fins mercadológicos, visto que, passar no vestibular é uma disputa de preparação para o mercado de trabalho e as questões propostas pela Secretaria de Educação enfatizam esse fato o tempo todo em suas aulas.

Por outro lado, a pureza se coloca justamente na tentativa de abrir diálogos com as e os estudantes. Por mais que essa atividade não tenha tido uma procura tão grande, as e os participantes trouxeram questões, alternativas e comunicações bastante gentis, visto o contexto em que estamos. Manter a pureza é necessário em tempos pandêmicos. É através da pureza, aquela que permite traçar questões que beiram à ingenuidade, que a escola, esse ambiente que já é sabido que necessita de melhoras, sobrevive.

Paulo Freire nos ajuda a refletir sobre essa proposta, pois:

(...) uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do “tu”, que me faz assumir a radicalidade de meu eu. (FREIRE, 2019, p. 42)

Propor diálogos é uma das tarefas não somente da sociologia enquanto disciplina privilegiada pois é fundamentada nas relações, mas de toda uma pedagogia que se pretende crítica e democrática. Ainda que os desafios sejam inúmeros, é urgente que possamos aproveitar, enquanto docentes, as pequenas frestas que nos são abertas para projetar caminhos dialogados que considerem os interesses das e dos estudantes, as realidades vividas, o contexto atípico o qual estamos todos submetidos em uma tentativa não apenas de melhorar índices que produzem dados que indicam problemas, mas pouco sugere alternativas. É sobretudo sobre aproveitar a abertura dessas frestas é necessária para manter viva uma instituição que é sinônimo de esperança e sobrevivência para tantas e tantos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados trazidos por esta pesquisa e levantados através de análise de matérias jornalísticas sugerem um cenário escolar em que as dificuldades foram ampliadas pelo contexto de urgência sanitária. Deste modo, os desafios que já eram uma realidade somam-se com as adaptações necessárias em um contexto de crise que tem no ambiente escolar uma forma de se expressar. A escola não é um ambiente alheio as dificuldades e dinâmicas geradas por um mundo em crise. É na escola que tal crise se evidencia: a falta de desinteresse e a evasão escolar são sinônimos de uma estrutura que indica uma aflição.

Por um lado, há um impulso, mobilizado pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná, de uma perspectiva de educação mercadológica onde a inserção de painéis indicadores, a tentativa de centralização das aulas e a falta de diálogo com a classe são exemplos concretos que foram instaurados especificamente neste contexto. Por outro lado, a educação para a cidadania, estimulada pelas professoras e professores, ainda que dentro de uma lógica de precarização do trabalho e desmonte dos direitos sociais, incluindo aqui a educação, contrapõe esse modelo educacional voltado aos interesses do capital. O uso das novas mídias digitais se torna um recurso essencial que visa propiciar um debate aberto e inclusivo com e para os e as estudantes, alinhando participação e provocação reflexiva que abre caminhos para a mobilização de mudanças sociais.

Diante de um cenário de ensino totalmente novo na rotina de trabalho dos professores de todo o Brasil, se faz necessário estudos e novas perspectivas que aprofundem análises sobre a pandemia e a educação no país. Além disso, as pequenas ações em torno de projetos interdisciplinares que envolvam debates e pensamento crítico das realidades sociais devem estar no centro de debates na esfera educacional. Portanto, compartilhar experiências e debates sobre as contradições e tensões na educação enriquecem a própria área e inspira novos estudos para o futuro.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, P.;

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2004

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (p. 9-24).

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cortêz e IPF, 2003.

FRIGOTTO, G. (Orgs). A cidadania negada: Políticas de exclusão na educação e no trabalho. São Paulo: Cortez, 2001, p. 35-48.

HARAWAY, D. “Manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In Tadeu, T. (org). Antropologia do Ciborgue – as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 2ª edição.

HOOKS, Beel. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

PORCHEDDU, Alba. Zygmunt Bauman: entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida. Cadernos de pesquisa, v. 39, n. 137, p. 661-684, 2009.